

Faculdade Internacional de Teologia Reformada  
Raphael Rocha Quintão

Análise crítica do livro Pregação Reformada de Joel Beeke

Belo Horizonte  
04/2021

Faculdade Internacional de Teologia Reformada  
Raphael Rocha Quintão

Análise crítica do livro Pregação Reformada de Joel Beeke

Trabalho apresentado à disciplina Homilética do curso de Bacharelato em Estudos Bíblicos da Faculdade Internacional de Teologia Reformada como requisito parcial para essa disciplina.

Prof. José Roberto da Silva

Belo Horizonte  
2021

Joel Beeke é professor de Homilética e Teologia Sistemática no Seminário Puritano de Grand Rapids, em Michigan, Estados Unidos. É autor de vários livros, alguns traduzidos para o português e disponíveis no Brasil. Sua especialização é na Teologia produzida pelos Puritanos, um grupo de evangélicos reformados de linha Calvinista que floresceu no Reino Unido nos séculos XVI, XVII e, segundo alguns, até o início do XVIII. O seu livro mais conhecido no Brasil é o Teologia Puritana, que também foi divulgado em suas palestras feitas em várias conferências em igrejas e seminários no país.

O livro que analisaremos é de publicação recente no Brasil, em 2019. Após as vindas de Joel Beeke para o Brasil e o lançamento de Teologia Puritana, esse grupo de irmãos passou a ser mais estudado e visto nas igrejas brasileiras. O livro que iremos analisar vem nessa onda de estudos sobre o puritanismo, cujas publicações estão em alta no nosso idioma. De forma geral, percebemos que as práticas religiosas do puritanismo eram muito saudáveis, de forma que esses irmãos nos servem de exemplo na vida espiritual. Sabemos da ênfase na pregação das Escrituras, na simplicidade do culto, no trabalho de visitação, na vida de oração e jejum promovida nessa época. Porém, sabemos de males que atacam o movimento puritano, sendo o mais evidente a falta de diálogo e isolamento perante a sociedade. Nos estados americanos colonizados pelos puritanos, observamos pouca diversidade cultural e étnica. Porém, minha opinião pessoal sobre o tema em geral é que este movimento deve ser estudado, mas sem deixar de lembrar das mazelas ocorridas naqueles tempos. Assim, podemos perceber que, por mais que inaugurado, o Reino de Deus não está ainda consumado, sua igreja ainda convive com o pecado, mas triunfará no último dia.

Destaco a tese principal do livro: **a verdadeira pregação reformada é aquela em que o pregador conhece o texto bíblico, o aplicou a sua vida antes e busca aplica-la ao coração de seus ouvintes.**

O **primeiro capítulo** do livro é introdutório, que se propõe a dar uma definição do objeto de estudo do livro: a pregação reformada experiencial. Beeke diz que a pregação reformada experiencial é idealista, pois almeja o ideal cristão, a imitação de Cristo. Ela também é realista, ou seja, entende como são as coisas na realidade, no cotidiano do mundo caído. Ela também é otimista, ou seja, aponta para o alvo, instrui os ouvintes ao objetivo correto. A pregação reformada experiencial é também discriminatória, ela faz a nítida discriminação de crentes e descrentes, visando confrontar os crentes a viver idealmente e chamando os descrentes ao Evangelho. A pregação reformada experiencial é também aplicável, ou seja, ela aplica o texto

a vida cotidiana dos ouvintes. A pregação reformada experiencial é bíblica, ou seja, tem a Bíblia como sua única regra de fé. Ela também é doutrinária, ou seja, prega a doutrina contida nas Escrituras, prega o ser de Deus e suas obras. Ela também é experiencial, ou seja, ela deve ser experimentada, vivida. Ela também é prática, visa alcançar aspectos práticos da vida do ouvinte. Ela considera o crescimento espiritual do crente ao lado de Deus, sempre utilizando somente a Bíblia, Palavra de Deus, como regra segura de fé. Em seguida, o autor busca introduzir o método utilizado para a seção 2 do livro: buscar exemplos históricos de pessoas que seguiram este bom caminho. Beeke compara a pregação reformada experiencial a uma dieta favorável de nutrientes para viver uma vida espiritual com saúde. A pregação reformada experiencial vai do coração do pregador para o coração dos ouvintes, ou seja, o pregador é o primeiro que deve ser atingido pelo texto. O autor coloca a seguinte definição para a pregação reformada experiencial: *“é a pregação que aplica a verdade de Deus ao coração das pessoas para mostrar como as coisas deveriam ser, como elas realmente são, e, em última análise, como serão na experiência do cristão no que diz respeito a Deus e a seu próximo – incluindo os membros de sua família, os membros de sua igreja e as pessoas do mundo ao seu redor”* (BEEKE, 2019, p. 60).

No **segundo capítulo**, Beeke desenvolve a tese de que a pregação reformada experiencial é aquela que vai da mente para o coração. Nesse sentido o autor destaca que o conhecimento da mente é o conhecimento teórico ou intelectual e o conhecimento do coração é aquele gravado em nossa alma, que produz frutos práticos. Dessa forma, a pregação reformada deve ter o cuidado de ser intelectual, no sentido de ter lógica, ao mesmo tempo que deve se preocupar em atingir o coração do ouvinte. É por isso que a pregação reformada deve ser experiencial, ela deve passar da simples teoria, deve ir para a prática. E a Bíblia ordena que a pregação seja experiencial e a exemplifica claramente.

No **terceiro capítulo**, Beeke enumera e explica quais são os principais elementos da pregação reformada experiencial. Em primeiro lugar, a pregação reformada está comprometida com a Escritura e com os valores redescobertos na Reforma Protestante do século XVI. A pregação reformada está comprometida com a teologia produzida a partir da Bíblia pelos reformadores. Além disso, a pregação reformada prega a Cristo, pois Ele é o centro das Escrituras. Isso vai ao encontro dos nossos estudos no curso de Homilética: Cristo é o centro das Escrituras, logo, quando pregamos as Escrituras, temos que pregar a Cristo. A pregação reformada também deve pregar a soberania de Deus, pois ela está expressa em toda a Escritura. Isso é ainda mais importante de se enfatizar nos dias de hoje, pois a pregação da grande parte da igreja brasileira se centra no ser humano, e não no autor divino das Escrituras. Ainda, a pregação reformada

deve pregar objetivando uma espiritualidade reformada, ou seja, pregar objetivando santidade pessoal. Por isso, é necessário que o pregador seja santo, já que ele deve pregar de seu coração para o coração dos ouvintes. Também é necessário lembrar da santidade dos ouvintes, ela deve ser pregada e buscada.

No **quarto capítulo**, Beeke desenvolverá como deve ser a pessoa do pregador experiencial. O autor observa, na introdução do capítulo, que a pregação tem várias nuances que devem ser observadas, e uma delas é a figura do pregador, sua pessoa, apresentação, estilo de fala, etc. A primeira característica que o pregador reformado deve ter é o fervor. Ele deve ter zelo pela pregação da Palavra por causa da natureza da pregação: vida ou morte eterna. A segunda característica do pregador reformado é que ele deve ser um homem de oração. A oração mostra que o pregador é dependente do Espírito Santo para executar o seu ofício. O pregador também deve ser autêntico, ou seja, deve haver compatibilidade entre a sua pregação e a sua vida, seu testemunho. E exatamente por causa dessas duas últimas características, vemos que o pregador reformado está sempre crescendo na fé, sempre experimentando novas situações e extraíndo da Palavra de Deus a forma acertada de lidar com cada uma de forma original. E, de forma inversa, o pregador deve estar sempre diminuindo para que Deus cresça em seu ministério. Outro conselho muito útil para os pregadores reformados é a lista de prioridades: a pregação solene deve sempre ter prioridade nas tarefas. A partir daqui o autor irá tratar de exemplos reais de pregadores que fizeram uso desses princípios em seu ministério.

No **quinto capítulo**, Beeke se dedica a mostrar o exemplo de três pastores do início da Reforma do século XVI. Confesso ao professor que não sei como fazer um resumo da tese e subteses dessas biografias levantadas por Beeke, pois se trata de dados e valores. De Zuínglio, podemos ver que o autor relata que era um pastor que pregava a Bíblia, e isso era extremamente destoante das pregações ouvidas na Europa, uma vez que ele pregou no início do movimento da Reforma. Bullinger era auxiliar de Zuínglio e foi pastor durante a maior parte de sua vida. Ele se destacou por pregar expositivamente as Escrituras e pelo seu caráter brilhantemente acadêmico. Ainda sobre os dois reformadores, Beeke observa que ambos tinham apreço pelas Escrituras e buscavam conhece-la todos os dias, progredindo espiritualmente. Oecolampadius foi outro reformador estudado por Beeke. Sobre ele, o autor destaca a perseguição infligida sobre a sua obra, além da centralidade de sua pregação em Cristo.

No **sexto capítulo**, Beeke explora a figura de Calvino com pregador no auge da Reforma do século XVI. Certamente Calvino era um grande defensor da pregação expositiva. Além disso,

o autor busca identificar a atividade pastoral de Calvino com os princípios da pregação reformada experiencial. De fato, muitas das características levantadas por Beeke podem ser observadas no ministério de Calvino. Ao ler o capítulo, vemos como esse teólogo teve uma capacidade peculiar abençoada por Deus para interpretar a Escritura, extrair suas doutrinas e explica-las, não somente em seus tratados, mas para a igreja, nos sermões de domingo. Também destaco desse capítulo a excelente exposição sobre o desenvolvimento da doutrina da Trindade por Calvino, que a aplicou nas mais diversas áreas da vida cristã.

No **sétimo capítulo**, Beeke explora o testemunho de Beza, que foi sucessor de Calvino em Genebra após sua morte. Sua figura é também de grande inspiração para nós, foi um grande professor e pastor, literalmente abandonou todos os seus bens (que não eram poucos) para se dedicar totalmente ao ensino da Palavra. Creio que isso falta em nossos dias: muitos tentam conciliar o exercício do trabalho secular com o pastorado, e muitos procuram no pastorado uma fuga do trabalho secular. Beza abriu mão, literalmente, de seus bens para ir anunciar a Palavra de Deus. Beza destaca em sua pregação o senhorio de Cristo, a salvação somente pela fé e a eleição de Deus. Aqui podemos perceber a influência de Calvino, muito embora saibamos que nem Calvino nem Beza pregaram somente esses temas. O autor destaca que Beza procurava pregar e ensinar da forma mais simples possível.

No **oitavo capítulo**, Beeke nos dá uma introdução sobre a pregação puritana, ou seja, princípios gerais e práticas comuns presentes na pregação desse movimento. Conforme destaquei na introdução deste trabalho, os puritanos são e devem ser um grupo grandemente inspirador para a igreja atual. Isso devido a muitas razões. Beeke destaca alguns pontos sobre a pregação dos puritanos, sendo o primeiro o alto grau de prioridade que a pregação tinha na vida da igreja. Isso é um ponto fundamental que se perdeu nos dias de hoje: a frequência nas pregações. A membresia da igreja não entende a importância e o privilégio da pregação da Palavra de Deus, algo que os puritanos entendiam. Além disso, a prioridade da pregação era acompanhada também de um planejamento para isso, de forma que toda a Bíblia deveria ser exposta para a igreja, além dos sermões serem frequente publicados em forma impressa. A pregação dos puritanos era feita com paixão e amor, evidente pelo zelo que tratavam essa atividade. A pregação tem poder, e isso é enfatizado pelos puritanos: é a vida ou morte eterna em jogo. Exatamente por isso a pregação deve ser simples, para alcançar o maior número de pessoas, seja doutores, seja analfabetos. A pregação é inseparável da vida prática do pregador, por isso os puritanos tinham um rigor muito grande para a ordenação qualquer candidato ao ministério pastoral.

No **nono capítulo**, Beeke começa a explorar as personalidades puritanas. Nesse capítulo ele explora a figura específica de Willian Perkins. Ele foi um pregador do início do movimento puritano que é uma referência hoje em dia tanto quanto foi para os puritanos que vieram após ele. O primeiro ponto que o autor destaca é a predestinação prática. Parece algo contraditório, mas sabemos que a predestinação é algo prático no cotidiano, não algo somente teórico. A predestinação inclui etapas práticas na vida do cristão que devem ser exploradas pelo pregador da Palavra. Perkins também via a predestinação intimamente ligada à pregação, afinal, a última é o meio de chamar os eleitos predestinados. Esse pregador inclusive foi um pioneiro na luta por uma formação acadêmica com disciplinas e métodos voltados para a pregação, inclusive produzindo comentários para a língua inglesa. Beeke ainda destaca as divisões de grupos teorizados por Perkins para os ouvintes da igreja. Perkins é um nome fundante do puritanismo e suas obras ecoam por todo o movimento.

No **décimo capítulo**, Beeke explora três figuras o puritanismo. O primeiro é Richard Rogers, que se destacou como erudito e simples pregador. Esse pregador de destacou por seus sermões práticos no livro de Juízes. Além disso, Rogers produziu diversos materiais visando clarear e exemplificar um cristianismo prático. O segundo pregador puritano explorado pelo autor nesse capítulo é Richard Sibbes. É interessante notar que esse pastor puritano foi celibatário durante toda a sua vida, muito embora combatesse o Romanismo. Ele se destacou por defender as missões para que a pregação alcançasse todos os cantos da terra, para que a Palavra encontrasse seus eleitos em todas as línguas. O terceiro pregador explorado por Beeke é John Preston. Este pregador se destaca por pregar em temas, diferente da ampla tradição reformada e puritana. Sabemos que existem vantagens e desvantagens na pregação expositiva temática e também na sequencial, mas reconheço que na pregação temática o evangelho pode ser pregado de forma mais clara, direta e simples. Preston enfatizava que a saúde espiritual da igreja dependia da pregação e o pregador deve estar ciente e se esforçar para alimentar bem o rebanho.

O **décimo primeiro capítulo** explora o Diretório de Westminster e suas diretrizes para a pregação. O Diretório de Westminster é um importante documento produzido pela comissão de Westminster (a mesma que produziu a Confissão e os Catecismos) para orientar o povo de Deus na execução de diversos assuntos, dentre eles o culto público. Sobre o culto, o DW destaca que ele deve ser público e espiritual, pautado somente pelas Escrituras. A partir desses princípio, se aboliram muitas das influências romanistas não ordenadas pela Bíblia presentes nos cultos anglicanos. Sobre a pregação, o DW enfatiza que o pregador deve estar preparado para o sermão. Hoje em dia, temos várias igrejas contrárias a isso, defendendo que o Espírito Santo só

age na hora, com o pregador a falar livremente com o Espírito cochichando para ele o que dizer no momento. Isso não condiz com os fatos, tanto históricos, quanto ao que a Bíblia diz sobre a pregação e o ensino. O DW ainda acrescenta que a introdução do sermão deve partir da própria Escritura, focalizando os ensinamentos daquele texto. Além disso, o DW enfatiza que o sermão deve instruir, ensinar a doutrina extraída do texto. Por fim, a pregação deve aplicar o texto, visando a prática na vida. O DW acrescenta sobre a aplicação do sermão que ela deve ser adaptada ao contexto da igreja local, não deve ser algo mecânico.

O **décimo segundo capítulo** explora as figuras de Goodwin e Shepard. O primeiro teve sua origem em uma região perseguida pelo anglicanismo. Ele defendeu um governo eclesiástico independente, que era um grupo bem minoritário, considerando que a maioria do país era anglicana e a parte protestante era de maioria calvinista. Goodwin focalizava sua pregação em Cristo, lembrando sempre de sua atividade intercessora pelos crentes. Ele usava termos práticos, valorizava as emoções, mas nunca degeneradas em emocionalismo. Shepard foi um dos puritanos que se exilou nas Treze Colônias na América. Ele enfatizava em sua pregação a conversão genuína do crente a Cristo. Ele expunha os textos em seus escritos de forma a constranger o pecador a se converter a Cristo, utilizando de toda a antropologia bíblica e soteriologia para isso.

O **décimo terceiro capítulo** é dedicado a John Bunyan, célebre autor do livro *O Peregrino*. Pela própria natureza de suas obras, vemos que Bunyan era um pregador extremamente prático, que buscava simplificar a sua mensagem para alcançar o coração dos homens. Ele se destaca por ter uma formação extremamente simples, por ser um homem de trabalho braçal, com muitas dúvidas sobre o seu ministério. Talvez por essa característica pessoal, Bunyan buscava em suas pregações um equilíbrio entre lei e evangelho, de forma que nenhum lado fosse mais pesado do que o outro. Ele depositava toda a sua confiança nas Escrituras como verdadeira e inerrante Palavra de Deus aos homens. Bunyan, conforme já dito, tinha uma formação extremamente simples, nem diploma tinha, porém o seu conhecimento prático e aplicação da doutrina eram incomparáveis. Era o caminho que ele mesmo fez: medo, dúvida, graça. Esse é o caminho da conversão dos ouvintes a Cristo: buscar o coração. Achei bem interessante a estratégia de pregação que envolve exatamente o mesmo que ele fez em *O Peregrino*, transformar as palavras, emoções, ações, verbos, em pessoas. Isso fazia com que as suas pregações fossem bastante apelativas, ou seja, buscavam incomodar e intimidar a pessoa a se converter a Cristo, a seguir os preceitos das Escrituras. Bunyan, assim como os demais puritanos, sempre exaltava a Cristo em suas pregações, como o centro da Redenção de Deus.



O **décimo quarto** capítulo faz uma introdução ao período conhecido como Reforma Holandesa Posterior, que se deu entre os séculos XVII e XVIII. É clara a influência do puritanismo inglês nesse movimento, evidenciado pelas inúmeras obras que foram traduzidas do inglês para o holandês nesses anos. Esse movimento, assim como os anteriormente estudados, defendia uma pregação experiencial, que fosse prática. Assim, a pregação deveria buscar um equilíbrio entre a doutrina e a aplicação: não ser dogmática demais nem ser prática demais. O Sínodo de Dort foi um importante evento impulsionador deste movimento, que produziu os famosos Cinco Pontos do Calvinismo, que descrevem a soteriologia calvinista. Os Cânones de Dort, documento produzido pelo Sínodo, dava muita importância à pregação da Palavra, de toda a Bíblia. Segundo esse documento a pregação é um meio da graça soberana, que atua nos salvos pelo poder do Espírito Santo. Além disso, a pregação anuncia a oferta gratuita do Evangelho a todos os homens, frutificando nos salvos. Isso dá o caráter sobrenatural da pregação, ela é algo espiritual também porque conta com a ação sobrenatural de Deus para convencer o pecador.

O **décimo quinto capítulo** trata de três pregadores holandeses desse movimento. O primeiro é Teellinck, que fez muitos contatos com a comunidade puritana na Inglaterra. Esse pregador enfatizava muitas coisas que já foram destacadas sobre os puritanos, dentre elas que a pregação deve ser simples e prática. É assim que a pregação pode alcançar o coração do homem. Outro ponto interessante da pregação de Teellinck é que ele combatia a felicidade que os holandeses tinham com os roubos de piratas contra navios ingleses. O segundo pregador explorado pelo autor é Lodenstein, que também tinha habilidade em compor poemas. Ele enfrentou muitos problemas nas igrejas em que pastoreou, sempre gastando muito tempo de suor no serviço aos irmãos. Além disso, em parte da sua vida a região em que estava foi dominada pelos franceses, que não simpatizavam com os protestantes à época. Lodenstein se destacou pela sua santidade na conduta de vida, centralizando todos os aspectos de sua conduta prática a Cristo. Como amante da poesia, ele teve pregações e escritos muito prolíferos nos livros poéticos, em especial Cântico dos Cânticos. O terceiro pregador explorado por Beeke é À Brakel. Este era filho de pastor reformado e seguiu os caminhos do pai, pregando por mais de 50 anos na Holanda. À Brakel se destacava por seu entusiasmo na pregação, sempre alegre e edificante. Ele pregava sem anotações, o que é bem diferente da maioria dos pregadores. Ele era zeloso na aplicação do sermão e sempre buscava o coração dos ouvintes.

O **décimo sexto capítulo** trata de um pregador mais ao final do período da Reforma Posterior Holandesa, no século XVIII. Frelinghuysen é considerado um dos precursores do chamado Grande Avivamento, que se deu na Europa e Norte América. Sua vida foi marcada por

dificuldades com as autoridades e grupos eclesiais da Igreja Reformada da Holanda. A pregação de Frelinghuysen se caracterizava pelo clamado constante dos ouvintes à conversão. Ele visava também aqueles que estavam frios na fé, os chamados complacentes, para o avivamento. Esse era um tema central na obra de Frelinghuysen, sua insistência no tema da regeneração provava isso. Ele lutava para que os crentes não fossem crentes apenas pelo hábito, mas de fato.

O **décimo sétimo capítulo** trata de três pregadores de língua inglesa do século XVIII, período considerado como Grande Avivamento. O primeiro é Halyburton, pregador escocês. Ele escreveu um livro de memórias muito semelhante ao *Confissões* de Agostinho. Halyburton enfatizava a desgraça do pecado sobre o mundo como principal forma de converter o pecador. A partir desse tema, poderia desenvolver a obra de Cristo, aquele que veio para restaurar a Criação. Além disso, Halyburton observava constantemente que o serviço que os crentes prestam a Deus deve ser de excelência assim como o que Deus nos prestou. O segundo pregador explorado por Beeke é Jonathan Edwards, que é o mais conhecido no Brasil, com algumas obras traduzidas ao português. Edwards pregou na América e enfatizava a misericórdia de Deus, que perdoa os pecados dos salvos. Ele tinha uma profunda marca pela sensibilidade ao desespero que as pessoas tinham ao se deparar com a realidade do pecado. O terceiro nome explorado pelo autor é Samuel Davies, que também pregou na América. Ele se destacou pelas dificuldades em seu ministério, pois tinha muitas pessoas em sua igreja, mas pouco dinheiro. Ele tinha uma ênfase na justificação pela fé e no conhecimento, ciência, do pecado.

O **décimo oitavo capítulo** trata de outros três pregadores de língua inglesa, mas agora do século XIX. Alexander foi um pregador na América que se destacou pela luta na fundação do Seminário Presbiteriano de Princeton, região que era pouco servida de ensino teológico acadêmico. Beeke destaca sobre Alexander a sua clara separação entre fé viva e fé morta, um exemplo de pregação discriminatória. Outro pregador relatado pelo autor é M'Cheyne, escocês. Esse pregador tinha como principal característica o uso de experiências no sermão. Não experiências pessoais subjetivas, mas de situações reais, assim como Jesus fez em suas parábolas. Por ser extremamente prático, M'Cheyne também enfocava muito na sua obra a santidade em Cristo, sendo ele mesmo exemplo entre a igreja. O terceiro pregador é Ryle, um bispo anglicano (aqui achei muito interessante a proposta de Beeke de trazer outra linha cristã para sua obra). Ryle foi um esforçado bispo que preocupou muito com a classe pastoral, promovendo aumento de salários. Ao descrever a pregação de Ryle, Beeke é bem enfático em afirmar que o bispo anglicano pregava o cristianismo saudável. Isso é muito importante,

principalmente para o contexto eclesiástico brasileiro. Infelizmente os reformados no Brasil, principalmente os presbiterianos, como nós, temos um tênue desprezo pelas igrejas independentes e pentecostais. Porém, a história mostra que pregados saudáveis e abençoados existem fora do meio reformado também.

Professor, encerro aqui a minha resenha crítica. Queria ter feito a resenha de todo o livro de Joel Beeke, mas infelizmente foi temporalmente impossível. Até o capítulo 18 foram 484 páginas, o que satisfaz os requisitos da disciplina. Queria dizer que foi uma ótima disciplina, superou as minhas expectativas. Quanto ao livro de Beeke, é um ótimo livro, contém ótimas orientações para uma pregação saudável. Porém, fico preocupado com a visão historiográfica dele. Acho que devemos destacar também os pontos negativos dos movimentos que acontecem. Me parece que, pela escrita de Beeke, o período da Reforma e do Puritanismo foi mais perfeito e empolgante que o Primeiro Século... Mas, apesar disso, recomendo a leitura. Novamente, pelo perdão ao professor por não fazer a resenha de todo o livro. Obrigado pela compreensão.